



ENCONTROS DEMOCRÁTICOS

CICLO DE DEBATES

RÚSSIA

Do socialismo ao capitalismo: como se fez a privatização de milhares de empresas

Palestra de **LENINA POMERANZ**

Doutora em economia pelo Instituto Plekhanov, de Moscou



Encontros Democráticos são publicações do Espaço Democrático, a fundação para estudos e formação política do PSD

A dura transição da economia soviética ao capitalismo russo

Quase três décadas após a derrocada do socialismo soviético e a sua substituição pelo capitalismo russo, alguns aspectos desse processo continuam desconhecidos no mundo ocidental. Um exemplo é a privatização de centenas de milhares de empresas, de todos os portes, promovida pelo governo russo, que acabou beneficiando uma casta de oligarcas. Essa transição foi o tema da palestra da professora Lenina Pomeranz no Encontro Democrático realizado em outubro de 2018 na sede do Espaço Democrático.

Uma das mais preparadas analistas da história recente da Rússia, Lenina Pomeranz é doutora em economia pelo Instituto Plekhanov, de Moscou, título obtido na então Rússia soviética. Foi aluna dos conceituados economistas poloneses Michal Kalecki e Oskar Lange. Em 1990, organizou o livro *“Perestroika - Desafios da Transformação Social na URSS”*. Recentemente, Lenina Pomeranz lançou o livro *“Do Socialismo Soviético ao Capitalismo Russo”*, que descreve a passagem da economia socialista soviética para o sistema capitalista russo. O evento foi coordenado pelo economista Luiz Alberto Machado e teve como debatedores o economista Roberto Macedo e os cientistas políticos Rubens Figueiredo, Rogério Schmitt e Tulio Kahn, todos consultores do Espaço Democrático.

Boa leitura.

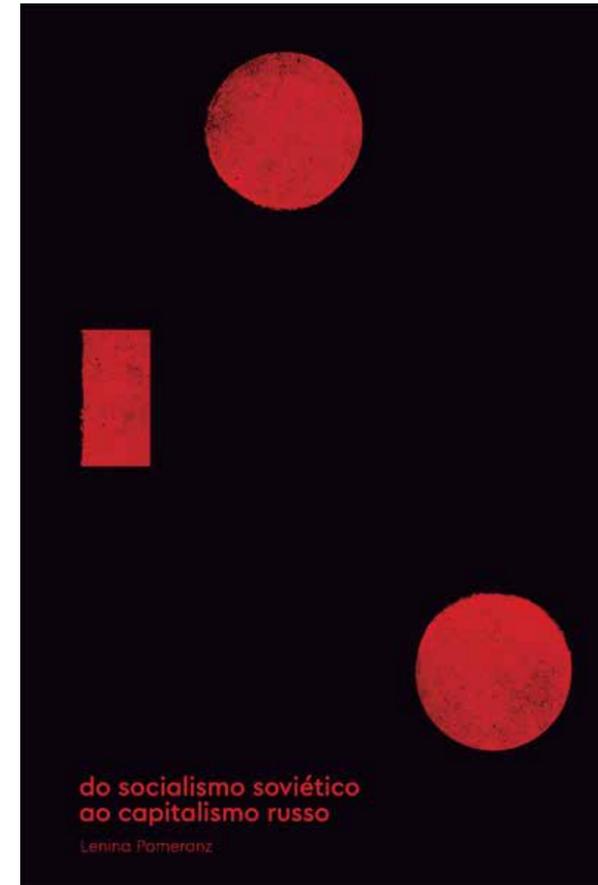


LUIZ ALBERTO MACHADO: Boa tarde a todos e a todas. É uma satisfação recebê-los para mais um Encontro Democrático. Eu cumprimento também aqueles que estão nos acompanhando pelo Facebook. Depois de atravessar boa parte do século passado com o mundo praticamente dividido em dois, naquilo que se tornou conhecido como Guerra Fria, muitos acontecimentos, do lado da então União Soviética, deflagraram uma mudança nas próprias relações internacionais. Esse é o tema do nosso Encontro Democrático de hoje, com a professora Lenina Pomeranz, que seguramente é uma das maiores conhecedoras do tema, tendo inclusive morado na Rússia soviética entre 1973 e 1977.

Ela é professora da Universidade de São Paulo e também doutora em Economia pelo Instituto Plekhanov, de Moscou, título que obteve na então Rússia soviética. Aos economistas que nos ouvem,

um detalhe importante: ela foi aluna de dois famosos economistas poloneses - Michal Kalecki e Oskar Lange. Em 1990, ela organizou o livro *"Perestroika - desafios da transformação social na Rússia"*, que era exatamente sobre aquelas mudanças que estavam sendo levadas a cabo desde que Mikhail Gorbatchov assumiu o cargo máximo lá na estrutura de poder na União Soviética. Hoje aposentada, ela leciona em caráter voluntário na Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, a FEA, da Universidade de São Paulo, e acaba atendendo a convites frequentes para falar sobre esse tema. Ela lançou recentemente um novo livro, *"Do socialismo soviético ao capitalismo russo"*, que é justamente o foco principal da sua palestra no dia de hoje.

Lenina, muito obrigado por atender ao nosso convite, formulado aqui pelo professor Roberto Macedo. A palavra é sua.



No livro de Lenina Pomeranz, a difícil transição entre o modelo estatal comunista e a economia de mercado

LENINA POMERANZ: Boa tarde a todos. Eu, naturalmente, não poderia deixar de agradecer ao Roberto Macedo não só pelo convite para vir falar aqui, mas também porque a minha especialização na Rússia é obra dele. No final dos anos 1980, durante a Perestroika, havia muita curiosidade sobre o que acontecia na União Soviética. O Macedo era diretor da FEA e recebeu a visita do diretor para a América Latina da Academia de Ciências da União Soviética, que vinha propor um intercâmbio entre a USP e o Instituto com troca de pesquisadores. E o Roberto me disse: "A primeira que vai é você". E perguntei: "Por que eu?" "Porque você fala russo, entende bem russo", ele respondeu. O problema é que eu estava há 20 anos sem falar, sem escrever, sem ler, sem ouvir e, portanto, não era exatamente uma resposta que convivesse com a realidade. De qualquer forma, foi o primeiro passo, digamos assim, para me transformar naquilo que ele falou - uma especialista na situação da Rússia - não da Rússia exatamente, mas do processo de transformação por que passou a Rússia soviética.

Então, eu vou tentar, primeiro, fazer jus ao mestre que me encaminhou para essa trilha que estou seguindo desde então, final nos anos 1980. Hoje eu teria que falar aqui sobre o meu livro, mas o tempo é muito curto. Eu vou abordar uns tópicos do livro de maneira geral e escolhi falar sobre dois que, acho, são novidade aqui no Brasil. Eu não conheço nenhuma obra ou nenhum trabalho que apresente isso que vou apresentar para vocês - dois elementos nesse meu livro que eu acho que são novidade para o público brasileiro, porque são aspectos originais desse processo. Acompanhando a Perestroika, acabei acompanhando também o esfacelamento da União Soviética, o fim da União Soviética e sua substituição por um novo sistema. A Rússia, já antes de 1991, havia escolhido - através do Boris Yeltsin como presidente da República Socialista Soviética da Rússia

- um caminho independente. Só para situar o que significa esse caminho independente dentro do referencial soviético, devo lembrar que durante a Perestroika houve uma reforma política muito profunda. Essa reforma política implicou em dar às repúblicas que constituíam a antiga União Soviética o direito de ter as suas próprias Constituições e se declararem independentes. Isso apareceu com a Perestroika, durante a reforma política.

O Yeltsin, que àquela altura era um desafeto do Gorbachov, pois eles competiam pela liderança do movimento de transformação, fez eleição direta na Rússia e se elegeu, com votação muito elevada, presidente da Rússia ainda pertencente à União Soviética. Ele se elegeu. Erro do Gorbachov. Ele tinha proposto, na mudança política, eleições diretas para presidente, mas depois do mandato dele. Na verdade, a história da Rússia independente começou antes, durante o próprio período da União Soviética. A colocação que eu faço nesse livro é a seguinte: a Rússia abandonou o sistema soviético e passou a ser capitalista. Adotou o sistema capitalista por opção política. Para entender a natureza desse capitalismo russo, eu parti do pressuposto de que era preciso ver o que a Rússia tinha herdado do seu passado, porque você não muda uma sociedade do dia para a noite achando que você faz um decreto e a sociedade muda porque você quer.

Especialmente hoje - e não só hoje, de uns anos para cá - o Vladimir Putin (*Vladimir Vladimirovitch Putin é o atual presidente da Rússia. Foi agente do KGB no Departamento Exterior e chefe dos serviços secretos soviético e russo, KGB e FSB.*) é demonizado no Ocidente como ditador, ou tirano, enfim, um inimigo do Ocidente. É fundamental entender quem é Putin, por que é Putin e por que Putin é um autocrata - e indiscutivelmente ele é um autocrata. É preciso ver o que o Putin representa do ponto de vista das tradições culturais, do senti-



Vladimir Putin

do antropológico da Rússia. E aí eu fui levada, no livro, até o século 9, quando ocorreu a formação da Rússia, na Ucrânia, em Kiev e fui seguindo a História até chegar ao sistema soviético, passando pela modernização da Rússia, primeiro introduzida por Pedro I, continuada por Catarina, que era a czarina intelectual, na primeira fase de modernização e industrialização da Rússia, para chegar depois ao sistema soviético. E no sistema soviético é que se passou, via *Perestroika*, à construção de uma nova Rússia capitalista. Nesse processo, o que eu quis fazer foi extrair da história da Rússia aqueles elementos que permitem caracterizar quem é Putin e que tipo de capitalismo existe hoje na Rússia. Então, eu dizia que é impossível entender o Putin se não formos a Ivan IV, que implantou o terror na Rússia. Nós não vamos entender a Rússia de Putin se não formos a Stalin (*Josef Djughashvili, codinome Stalin, ditador da União Soviética de 1922 até sua morte, em 1953*), então é imprescindível você partir das tradições. Nos livros de História eu fui buscar só aqueles elementos que permitem traçar a trajetória cultural da Rússia para chegar onde ela está, nas condições em que ela fez a tal transição. Bom, é um livro de duzentas e poucas páginas e pelo que eu recebi de retorno, parece ser interessante, fazendo um pouco de marketing. Mas eu acho que, em termos de originalidade, destaco o que vou apresentar para vocês.

COMO É QUE SE OPERA UMA ECONOMIA SEM MERCADO E SEM MOEDA? É ISSO QUE EU QUERO MOSTRAR PARA VOCÊS. COMO É QUE FUNCIONAVA UMA ECONOMIA CENTRALMENTE DIVIDIDA, COM PROPRIEDADE UNIVERSAL E ESTATAL DOS MEIOS DE PRODUÇÃO E QUE TRABALHOU DURANTE MUITOS ANOS, INDUSTRIALIZOU O PAÍS, MUDOU A ESTRUTURA ECONÔMICA, CONSTRUIU A INDÚSTRIA PESADA, DESENVOLVEU AQUELE PAÍS DURANTE MUITOS ANOS E SERVIU DE MODELO PARA AQUELES PAÍSES QUE SE LIBERTARAM DO COLONIALISMO. ENTÃO, COMO FUNCIONAVA A ECONOMIA E COMO É QUE ELA QUEBROU?

Como disse, dois aspectos me parecem desconhecidos aqui do público brasileiro. Um deles é como funcionava o sistema soviético. Como é que se opera uma economia sem mercado e sem moeda? É isso que eu quero mostrar para vocês. Como é que funcionava uma economia centralmente dividida, com propriedade universal e estatal dos meios de produção e que trabalhou durante muitos anos, industrializou o país, mudou a estrutura econômica, construiu a indústria pesada, desenvolveu aquele país durante muitos anos e serviu de modelo para aqueles países que se libertaram do colonialismo. Então, como funcionava a economia e como é que ela quebrou?

A primeira parte do livro trata da formação e evolução da sociedade e do Estado na Rússia pré-socialista, como acabei de falar; o modo de funcionamento da economia e as suas tentativas de aperfeiçoamento que culminaram com a Perestroika com a reconstrução do sistema; a institucionalização política do novo Estado; as privatizações da propriedade pública; e a centralização do poder com Putin, porque o Yeltsin descentralizou e transferiu o poder para os governadores. Bom, eu não vou tratar disso tudo, eu vou tratar exclusivamente do modo de funcionamento da economia, e vou tratar das privatizações da propriedade pública, porque o tempo não me permite mais do que isso.

Como é que funcionava o sistema? Antes de explicar, quero deixar muito claro o seguinte: a União Soviética era um país onde a propriedade de tudo - de tudo, absolutamente tudo - era estatal. Portanto, estamos tratando de um sistema em que o Estado é dono de toda propriedade e administra essa propriedade através do planejamento. E tem que, através do planejamento, assegurar o funcionamento desta sociedade. Vamos caracterizar o sistema, primeiro, na área da política. A Rússia funcionava com um partido único e um congresso de deputados eleitos através desse partido, exercendo atividade econômica própria em suas regiões.

Portanto, você não tinha político profissional. Os membros do Congresso eram funcionários em suas carreiras - acadêmica, profissional, industrial etc - que se reuniam no Congresso duas vezes por ano para aprovar os planos e as diretrizes que vinham centralizadas do Partido Comunista. Vocês lembram daquelas famosas fotografias em que todos os deputados levantavam a mãozinha e havia uma unanimidade de 99,9% na votação. Então, era isso que acontecia. Eles se reuniam na Assembleia e voltavam para os seus locais de trabalho, portanto não era um Congresso de deputados profissionais. Essa era uma coisa importante.

Do ponto de vista da economia, você tinha a propriedade pública universal dos meios de produção. Até manicure era propriedade pública - o serviço de manicure era estatal. Podia ser pequenininha, ter só dois funcionários, mas era de propriedade estatal. Os cargos governamentais da administração dessa propriedade eram de nomeação do partido. Isso deu origem a um termo que se usa muito, é muito conhecido na literatura de todo tipo que é a chamada *Nomenklatura*. E o que é a *Nomenklatura*? A *Nomenklatura* é composta por funcionários do Estado que são indicados para cargos em todos os órgãos do governo. Indicados pela direção do partido com base no princípio da lealdade, mais do que no princípio da eficiência. Então, a *Nomenklatura* era responsável pelo cumprimento das decisões relacionadas com a economia e para isso você precisava ter gente que cumprisse as determinações que eram aprovadas no Congresso, mas que eram determinadas pelos órgãos centrais da organização partidária. Isso é uma coisa importante, porque essa *Nomenklatura* é parte hoje dos proprietários privados que existem na Rússia depois da privatização. Eles se aproveitaram da posição que tinham nos órgãos - os mais diferenciados da administração pública - e com isso se tornaram proprietários de enormes empresas estatais.



Nikita Khrushchov

O sistema de planejamento dessa economia estatal era constituído por um conjunto de planos de longo prazo, de dez anos ou mais, que eram na verdade diretrizes estratégicas que expressavam o que o partido pretendia alcançar no longo prazo. Portanto, eram estratégias de longo prazo expressas em diretrizes para serem alcançadas nesse prazo, de dez anos ou às vezes mais. Khrushchov (*Nikita Serguêievitch Khrushchov foi secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética entre 1953 e 1964*) comandou a economia e havia planos de 20 anos para alcançar os Estados Unidos na produção de carros e outras coisas mais.

Então, o Plano de Longo Prazo eu chamaria mais de diretrizes de longo prazo, porque não eram quantificadas. A quantificação era assim, por exemplo: alcançar a quimização da agricultura em dez anos, por exemplo. Porque a agricultura soviética não era desenvolvida na base do adubo, era o que nós hoje chamamos de agricultura orgânica. Eles não usavam adubos e produtos químicos e, para elevar a produtividade, Khrushchov partiu do pressuposto de que era preciso adubar

e, portanto, era preciso criar uma indústria química de adubos. Então, uma das diretrizes de longo prazo do período Khrushchov foi exatamente quimizar a economia, ou seja, investir em fábricas de produção de adubos e produtos fertilizantes que pudessem aumentar a produtividade da agricultura soviética. Essas diretrizes eram, depois, transformadas em planos quinquenais. Quer dizer, as diretrizes eram, assim, muito genéricas e havia uma Comissão Central de Planejamento chamada *Gosplan* que era encarregada de formular os planos quinquenais, mas esse era um processo que se realizava em contato com as empresas, num processo de cima para baixo.

E aqui eu vou abrir um parêntesis para dizer o seguinte: todas as empresas soviéticas eram subordinadas verticalmente, de maneira responsável - uma linha de responsabilidade verticalizada em relação a ministérios aos quais elas eram subordinadas. Esses ministérios eram responsáveis, diante das autoridades russas, pelo cumprimento das metas que fossem estabelecidas para cinco anos. Então, eles eram responsáveis diante do Congresso, porque o plano tinha que ser aprovado pelo Congresso e pelas autoridades superiores.

Mas além dessa verticalização havia um conjunto de comissões especializadas, que na linha da horizontalidade - quem faz Administração sabe o que é administração matricial, você tem uma linha de responsabilidade vertical e você tem uma linha de assessoria que é feita na linha horizontal. Na linha horizontal havia a Comissão Central de Preços, a Comissão Central de Produção de Tecnologia, a Comissão Central de Preços e Salários, havia um conjunto de comissões que forneciam os indicadores para formular o tal plano quinquenal. As empresas não tinham domínio de preços - os preços eram determinados centralmente. Quem era a responsável? A Comissão Central de Preços, que informava as empresas sobre os preços dos produtos.

Esses planos quinquenais eram elaborados, portanto, num movimento de sobe-e-desce de opiniões, de negociações de cima para baixo e de baixo para cima entre as empresas e os ministérios que negociavam com as autoridades superiores aquilo que devia ser feito em termos de planejamento. Mas não nos planos quinquenais e sim nos planos anuais operativos. As diretrizes eram decompostas em planos quinquenais que eram, depois, repassados para as empresas na forma de metas. E essas empresas trabalhavam com esses planos operacionais, combinando com os ministérios o que fazer.

Uma vez aprovado esse plano operativo, as empresas tinham metas para cumprir. E como era avaliado ou analisado o cumprimento dessas metas? Na economia capitalista, a eficiência da empresa se mede pelo nível de lucro que ela obtém. Na empresa soviética, que não tem lucro, porque teoricamente a propriedade é pública, como você faz a avaliação do desempenho das empresas em relação às metas, porque umas cumprem, outras não cumprem ou cumprem pela metade? Então, assim como havia essas comissões e a verticalização, existia um sistema de acompanhamento do desempenho das empresas. Esse sistema era composto de um conjunto de indicadores que chegavam a uns 300 e as empresas tinham departamentos de contabilidade para poder acompanhar cada um desses indicadores. Porque na base desses indicadores de cumprimento das metas a empresa receberia bonificações por ter cumprido ou ultrapassado as metas, ou receberia sanções que podiam resultar na demissão do diretor nomeado pela *Nomenklatura*. Esse sistema de incentivos e sanções era fundamental, e sobre ele houve um monte de tentativas de aperfeiçoar o sistema até chegar na Perestroika. Nas várias tentativas de aperfeiçoar o sistema, o que se tentou na verdade foi mexer no sistema de incentivo para fazer o

peçoal se interessar pelo trabalho e pela produtividade. Esse é um ponto chave do sistema.

Vamos agora tratar do papel do Banco Estatal. Esse banco funcionava como uma grande câmara de compensação. A economia não era monetarizada, não havia o problema de controle monetário. O problema maior era como atender às necessidades de circulação daquilo que era produzido. Então, o Banco Estatal recebia dos ministérios os planos operativos das empresas e sabia exatamente o que elas deveriam produzir e o quanto elas tinham de débito e crédito em relação aos seus fornecedores e aos seus compradores. Esse banco recebia os planos e sabia exatamente o quanto ele tinha que liberar de recursos para os trabalhadores em termos de moeda fiduciária, porque isso existiu. O sistema monetário soviético era atrofiado em relação àquilo que nós conhecemos como sistema monetário ocidental. Você tinha um sistema muito pequeno de circulação de moeda fiduciária e o resto era moeda de conta. Para ser moeda de conta tinha que ter um banco que fizesse a compensação entre as empresas. Então, essa era a função do Banco Estatal: liberar recursos para investimentos programados nos planos que ela recebia, liberar recursos para os trabalhadores fazerem as compras nas empresas comerciais, mas controlar o andamento da empresa de acordo com os planos que eles tinham em mãos. Todas as empresas eram cadastradas no Banco e recebiam dele o que elas precisavam em termos de financiamento.

Outro ponto a explicar é o funcionamento do Ministério do Comércio Exterior. Era uma verdadeira fortaleza. Quem fazia todas as transações da União Soviética com o resto do mundo, sejam eles os países que compunham o bloco socialista, seja o mundo ocidental, era o Ministério do Comércio Exterior, que tinha especialistas por região e por produtos. Eles faziam pesquisa de mercado dos

produtos que a União Soviética tinha que importar, identificavam os melhores mercados de onde comprar, as condições de compra, identificavam os mercados para onde a União Soviética devia vender, a que preços vender e onde colocar. Então, eles eram responsáveis, digamos assim, por todas as transações externas da União Soviética. A empresa não tinha contato com o exterior. O contato da empresa era com o Ministério das Relações Exteriores e, depois, se ela fosse uma empresa exportadora, o Ministério entregava, em rublos, as divisas já transformadas num determinado sistema cambial. E vice-versa: se tivesse que pagar, ela também daria em rublos para o Ministério, que fazia o cálculo do câmbio e creditava para a empresa o que ela tinha a receber pela exportação. Para vocês terem uma ideia da complicação que era esse sistema, cada empresa era submetida a um sistema de câmbio. Eu tentei entender o que era esse sistema cambial - porque nós estamos acostumados com o câmbio múltiplo, houve vários na História do Brasil, de câmbio único, câmbio flutuante e tal. No caso deles era mais complicado porque envolvia prioridade da região, prioridade do produto, prioridade da empresa, dificuldade de compra - porque a União Soviética foi cercada e ela estava, de alguma maneira, submetida a uma entidade chamada Cocom que penalizava empresas que vendessem ou comprassem coisas que tivessem relações externas com a União Soviética. A empresa não tinha esse contato. O sistema de câmbio levava em conta prioridade regional, prioridade do produto, dificuldade para a empresa vender, enfim, era um sistema múltiplo. Quando me dispus, nas minhas entrevistas, a entender esse sistema, eu recebi uma mãozinha na testa dizendo: não, não entre nessa porque você não vai entender coisa alguma, de maneira que até agora eu não entendo. Eram incalculáveis essas taxas de câmbio, era uma taxa de câmbio para cada empresa.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Esses funcionários do Ministério do Comércio Exterior recebiam uma formação diplomática, como acontece aqui no Instituto Rio Branco?

LENINA POMERANZ: Não, na verdade eram especialistas em comércio, só. As relações diplomáticas eram exercidas pelo Ministério das Relações Exteriores, como hoje é também na Rússia capitalista. Então, a economia estatal tinha um mercado chamado intraestatal, que eram as relações mantidas entre as empresas estatais, umas com as outras, e a moeda escritural funcionando como débito e crédito no Banco Estatal em função das relações. Então, são relações que uma empresa mantinha com outras e com os órgãos do orçamento, os órgãos do Estado. São relações que se mantinham internamente nesse sistema chamado intraestatal. Esse mercado tinha relação com o Ministério do Exterior - o comércio exterior, que eu acabei de descrever - e esse Ministério tinha relação com o resto do mundo, como acabei de falar. E as empresas? Elas faziam o seu plano operativo anual, mandavam para o banco, porque elas tinham relação com o orçamento, tinham que pagar imposto, pois embora não pareça, elas eram taxadas.

Mas havia outra relação, que era a do mercado intraestatal com a família. A família que tinha empregos e vendia sua força de trabalho recebia dinheiro das empresas e ia para o mercado intraestatal - onde estavam as empresas de comércio - para buscar os bens de consumo de que necessitava. Assim, as empresas comerciais estatais faziam parte desse esquema intraestatal com compensação, crédito e débito no banco etc. Então, esse é mais ou menos o esquema do qual eu disse, no começo, que é muito pouco conhecido. Eu acho que é uma novidade, porque nos meus longos anos desde que eu fiz o meu



doutorado, nos anos 1960, quando se discute a União Soviética trava-se uma discussão meramente ideológica. A discussão é assim: ou você é a favor ou é contra. Agora, como opera esse sistema? O que ele produz, como produz, como era operacionalizado, como as pessoas viviam, como é que elas iam buscar os suprimentos de bens que precisavam, como é que as empresas trabalhavam.

E eu preciso detalhar um pouco esse esquema para dizer o seguinte: essa relação entre as empresas era estabelecida de maneira burocrática, definida no banco. Uma empresa de insumos discutia seu plano e ali já ficava indicado para qual empresa ela ia vender e de qual empresa ela ia comprar seus insumos para produzir - e assim sucessivamente com todas as empresas. Então, de certa forma as empresas estavam amarradas, porque elas tinham que vender para quem estava combinado e tinham que comprar de quem estava planejado. Senão o sistema não funcionava. Durante muitos anos ele funcionou - lembro que esse sistema que estou citando é da Rússia soviética a partir dos anos 1930. Até os anos 1930, não funcionava assim. Quando falo de anos 1930



Josef Stalin



Vladimir Ulianov - Lênin

me refiro aos anos em que houve a coletivização forçada pelo Stalin, que assumiu o comando da União Soviética e impôs esse sistema amarrado que estou mostrando para vocês.

Mas é preciso lembrar que, quando os comunistas tomaram o poder e criaram a União Soviética, foi em um processo que eu chamo de tentativa e erro, porque não havia qualquer teoria indicando como é que iria funcionar o sistema soviético. Havia ligeiras observações no Manifesto Comunista, que indicavam algo assim: vamos ter uma única economia que vai dirigir as pessoas. Mas não havia nada sobre como se opera um sistema em que a propriedade é pública, não havia diretrizes concretas sobre o funcionamento de tal sistema. Não havia teoria, nem experiência histórica. A União Soviética foi a primeira experiência histórica de tentativa de funcionar em moldes distintos do capitalismo.

Por isso eu digo que a União Soviética se formou num processo de tentativa e erro, uma construção pragmática conduzida pelo Lênin (*Vladimir Ilich Ulianov, codinome Lênin, líder da revolução bolchevista de 1917*) que era assim: saíram de uma

fase de economia de guerra e depois adotaram a chamada Nova Política Econômica para finalmente chegar nos anos 1930 ao sistema que estou mostrando a vocês, com a coletivização. Quando a NEP - que é a Nova Política Econômica - estava chegando ao fim, ela foi um sucesso. Foi um período de capitalismo de Estado na União Soviética, de 1921 a 1926, e eles conseguiram alcançar os níveis econômicos de 1913, de pré-guerra. Então, a NEP foi uma política vitoriosa, porque conseguiu ocupar a capacidade ociosa.

Mas e daí? Agora era preciso ir para frente, precisava buscar o investimento, precisava saber como financiar esse desenvolvimento. E aí houve o chamado "Debate sobre a Industrialização e seu financiamento", muito conhecido na literatura, em teses e livros, uma ampla discussão. Foi exatamente nesse período que se definiu, entre tantas posições diferentes, um modelo de desenvolvimento que é esse que está aí. Quer dizer, a União Soviética se construiu de forma pragmática a partir das condições concretas da economia e da sociedade soviética, mas tendo desafios enormes, porque ela tinha que buscar investimentos e

não conseguia investimento externo.

Quando se processaram essas discussões, o Leontief (*Wassily Wassilyovitch Leontief, economista russo, naturalizado norte-americano*), que os economistas conhecem, entrou na criação dos chamados "Métodos de Balanços", que foram a base da criação do sistema de planejamento na União Soviética. Leontief era um dos membros do Gosplan, a Comissão do Planejamento estatal. Ele apareceu porque, mesmo nos anos duros do sistema, havia a preocupação com o desenvolvimento de longo prazo. E para o desenvolvimento de longo prazo houve uma palavra de ordem do Lênin: socialismo é energia. E aí resolveram criar um plano de desenvolvimento energético conhecido como Plano Goelvo, para eletrificar a Rússia de então. É onde aparece o método de balanço. Quem fez análise de projeto no curso de Economia sabe que, quando você vai definir a demanda de bens intermediários, o que você faz? Você quer saber qual é o coeficiente de utilização do bem intermediário na produção do bem final. E é tão simples quanto isso, é a base da matriz do subproduto. Então, o que se fez? Para fazer o Plano Goelvo eles fizeram balanços materiais de cada setor, de entrada e saída, para sentir, digamos assim, o coeficiente de necessidade de energia na produção e no desenvolvimento daquele setor. Posteriormente, o Leontief, que viveu na União Soviética até meados dos anos 1920, foi para os Estados Unidos e desenvolveu a famosa teoria de insumo-produto que os estudantes e profissionais de Economia conhecem bem.

Então, esse sistema operou razoavelmente bem - eu digo razoavelmente bem porque houve também problemas brutais - mas a partir dos anos 1960 a União Soviética foi perdendo o dinamismo do crescimento. O que significa isso? As taxas de crescimento e as próprias metas foram sendo diminuídas porque o próprio sistema não suporta-

va. As reformas que eram feitas não mexiam naquilo que era básico mexer, que era eliminar - eu vou chamar de cláusula pétrea - a dominação, a orientação e o comando da economia pelo Partido Comunista. Na Constituição soviética se dizia, no artigo sexto, que o Partido Comunista conduzia o país em todos os seus aspectos. Um dos problemas que o Gorbachov enfrentou na perestroika foi quando ele resolveu acabar com esse artigo. Ele provocou um golpe de Estado, conduzido por membros do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética, que durou três dias. Eu brincava com os meus alunos dizendo que esses russos não sabiam fazer golpes, que eles tinham que aprender com Pinochet (*general Augusto Pinochet Ugarte, que derrubou o presidente socialista chileno Salvador Allende em 1973 e implantou uma ditadura no Chile*). Mas era isso que acontecia na verdade. O comando do partido era cláusula pétrea. Então, todas as tentativas de reforma que pressupunham a descentralização eram barradas com esse dispositivo, de que não se poderia mexer no comando exercido pelo Partido Comunista. Então, houve várias reformas e duas ficaram marcadas. Uma foi a reforma de Khrushchov, que realmente eliminou os ministérios e criou aquilo que no planejamento urbano chamávamos de *comprehensive planning*, um planejamento regional descentralizado compreensivo, que significa integrado com todas as suas partes componentes.

Ainda preciso citar aqui quais eram os problemas principais para o funcionamento desse sistema. Escassez de recursos: a demanda era sempre superior à oferta. A inflação no sistema soviético era expressa na forma de filas, pois o sistema tinha preços fixos e não havia outra coisa a não ser as filas para indicar esse problema. E essa escassez de recursos foi se acumulando ao longo dos anos e se criou um problema muito grande que é esse das construções inacabadas. O que acontecia?

Uma das empresas resolvia ampliar a produção para aumentar a sua meta e para isso precisava de dinheiro para investir. Então, a autoridade central, via Banco do Estado, lhe dava esse dinheiro. No ano seguinte era outra empresa que pedia e aí não havia mais recursos para a primeira, que ficara com a construção parada. A segunda recebia os recursos e tinha o mesmo problema da primeira - e assim sucessivamente, de empresa em empresa, e acabou surgindo o grande problema das construções inacabadas e de dinheiro morto. O capital amortecido e o não-funcionamento dessas empresas.

Diante da escassez de recursos, a população encontrou duas saídas na economia chamada subterrânea. Uma era através das relações estabelecidas informalmente entre os diretores das empresas. De que forma? Uma empresa precisava de um determinado volume de insumos e pedia a mais do que precisava em relação ao seu plano, ficando com um pequeno estoque de insumos. Aí, outra empresa, de um outro diretor compadre, tinha também insumos que sobravam e que a outra empresa precisava. E aí havia a troca de insumos entre os diretores para garantir o cumprimento das metas.

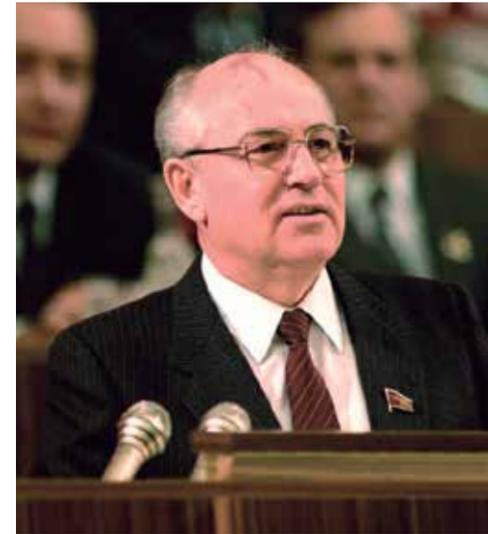
A segunda saída dentro da economia subterrânea era aquela formada pelos empregados que usavam o tempo e o material das empresas para produzir bens que vendiam no mercado negro. Eu vou contar um caso pessoal. As botas que eu havia comprado aqui em uma loja fajuta da rua Augusta estourou no primeiro inverno. E eu precisava comprar outras lá. As lojas tinham botas perfeitas para o inverno soviético, mas eram feias, brutas. As mulheres russas preferiam poupar e esperar a importação de bens - sapatos e botas da Espanha, da Alemanha, da Itália. Então, o que fazia aquele pessoal da economia subterrânea? Eles trabalhavam em lojas de departamentos e escondiam as

botas importadas. Aí, quando a Lenina resolveu procurar botas, não havia botas. Quem tinha? Aquelas pessoas que vendiam no mercado negro para as pessoas que estavam dispostas a pagar o preço. Era assim que funcionava. Se você tinha em casa uma máquina, um utensílio doméstico, e aquilo quebrava, se levasse a uma oficina do Estado teria de esperar três meses na fila. Então você ia por fora e um sujeito fazia o seu conserto, cobrava separado e o serviço saía no dia certo. Essa era a segunda economia.

E aí vem a *Perestroika*, que é um capítulo inteiro do meu livro. A *Perestroika* é vendida para o grande público de uma forma que eu não considero a mais correta. Porque a *Perestroika* foi constituída por dois conjuntos de políticas, de reformas - uma econômica e uma política. Mas ela foi precedida de algumas medidas que tornaram possível fazer essas reformas. Uma delas é a chamada *Glasnost* - tradução do russo: transparência.

O que era a *Glasnost*? Foi o estouro do reservatório. Liberdade absoluta para discutir o que você quisesse. Tinha gente nas praças falando, discutindo, criando grupos e ONGs, o que vocês quisessem. Podem imaginar o que era - um regime repressivo que de repente se torna livre, sem nenhuma repressão, sem nenhum problema. Então, a *Glasnost* foi, digamos assim, o que eu chamo de uma abertura democrática da qual, contrariamente a alguns cientistas políticos, eu acho que não havia jeito de escapar.

Alguns me fizeram perguntas quando eu lancei o livro na USP. "Por que não seguimos o modelo chinês, que era primeiro fazer a reforma econômica e depois liberar"? Hoje temos um regime chinês autoritário, mas com um regime capitalista montado de forma exitosa. Sem a *Glasnost* - por conta da decadência em que estavam os dirigentes do Partido Comunista da União Soviética - seria impossível conduzir as reformas. Gorbachov tinha



Mikhail Gorbachov

certeza disso e precisava do apoio da população para promover as reformas e a *Glasnost* foi um dos instrumentos.

O segundo instrumento, que é importantíssimo porque mudou o quadro das relações internacionais no mundo, foi a proposta de desarmamento unilateral com um acordo com os líderes ocidentais para não levar as tropas da OTAN até o Leste europeu - coisa que eles não cumpriram e a Rússia ainda se vê cercada por tropas da OTAN. Mas esse já é outro tema. O que é importante assinalar aqui para vocês é que houve uma mudança absolutamente fantástica na política externa e o mais importante, além do desarmamento, é que o próprio Gorbachov declarou que todos os países do bloco socialista tinham direito de escolher o seu caminho e que as tropas do Pacto de Varsóvia não interfeririam nas suas escolhas. E foi aí que começaram as tais revoluções na Polônia, na Ucrânia e outros países.

Agora vou tratar dos programas de privatização da propriedade pública. Foram dois, basicamente, mas precedidos por aquilo que se chamou de "privatização da *Nomenklatura*", ainda durante o seu

funcionamento. Foi assim: durante a *Perestroika* foram editadas várias leis que deveriam implementar a reforma econômica. Essas leis acabaram com ministérios, deram autonomia para as empresas e criaram um dispositivo muito interessante que deu origem a um banco pertencente a um dos cidadãos que até hoje tenta derrubar o Putin, que é um sujeito chamado Mikhail Khodorkovsky, que era dono de uma empresa chamada Yukos Oil, que seria a nossa Petrobras em termos de tamanho, exploração de petróleo etc.

Bem, antes do programa oficial de privatização esse cidadão era o secretário do Komsomol (seção da juventude na estrutura do Partido Comunista da União Soviética) no distrito de Moscou. O Komsomol recebeu autorização para importar computadores e outros bens de tecnologia avançada e assessorar as empresas na introdução dessa tecnologia. As empresas, por seu lado, davam autonomia para certas parcelas de seus departamentos, que passaram a trabalhar com moeda fiduciária, que não tinham antes. Vocês lembram que eu falei que a economia soviética não tinha moeda fiduciária, só moeda contábil? Ainda durante o sistema soviético, esse núcleo conseguiu trabalhar com moeda, conseguiu importar sem cobertura cambial e conseguiu trabalhar na assessoria das empresas com moeda - monetizou parte da economia dessa forma.

Também é importante contar que apareceu também nesse período da *Perestroika* uma lei que pressupunha a organização de cooperativas urbanas. Os *kolkhozes* eram cooperativas rurais, não havia cooperativa urbana. Então, uma das leis da *Perestroika* criou a cooperativa urbana, que podia ter sete ou oito membros e estava autorizada a ter três funcionários. Esse foi o embrião do surgimento dos pequenos empresários na Rússia. Eu me lembro bem, porque existe em Moscou uma rua que todo turista costuma visitar, que se



chama Arbat (um dos endereços mais antigos de Moscou, a rua Arbat tem muitos restaurantes, bares, lojas de suvenires, de música e de arte). Existe até um célebre livro chamado “Os meninos da rua Arbat”. E nessa rua começaram a aparecer pequenos restaurantes que faziam e vendiam frango assado. Eu morria de rir, porque visitava aquela famosa rua e via que lá já tinha frango assado. Mas de frango assado eles passaram para outros produtos, acumularam recursos e foram se desenvolvendo, e dessa pequena cooperativa urbana acabou surgindo um pequeno proprietário, o que nós chamamos aqui de empreendedor.

Isso foi, digamos assim, o prelúdio. Isso foi entre 1991 e 1992. Em 1992 surgiu o primeiro programa oficial de privatização, que é a chamada privatização de massa. Por que é chamada de privatização de massa? Porque, diferentemente do que ocorre com a propriedade pública no Ocidente, em que você tem 10, 20, sei lá quantas grandes empresas estatais que seguem uma determinada metodologia para serem privatizadas, na Rússia soviética havia centenas de milhares de empresas para privatizar.

Era “o” desafio. Eles não iam privatizar meia dúzia de empresas, iam privatizar 400 mil empresas, de tamanhos diferentes, de setores diferentes, numa economia que não tinha tradição de gestão de mercado. Os gerentes dessas empresas tinham que ter muita habilidade para conduzir o desempenho e cumprir as metas, mas eles não tinham nenhuma experiência cultural de administração de mercado.

Além disso, não havia como oferecer empresas à população porque ela não tinha poupança, as pessoas não tinham dinheiro para comprar. Então, o problema que se colocou foi como fazer essa privatização. Meu livro descreve a metodologia e os procedimentos formais adotados para realizar essa privatização. Mas eu acho que não é o caso de tratar disso aqui. O que eu quero assinalar aqui nessa privatização de massa é que, na verdade, ela foi a maneira de desapropriar a propriedade pública.

O que significa desapropriar a propriedade pública? Em termos formais, a propriedade pública era do povo soviético, que era administrada pelo Estado soviético. Então, a propriedade pública

era propriedade do cidadão soviético e essa foi a grande escada que foi utilizada para fazer a desestatização de massa, que eu chamo de embuste. Por quê? Porque se deixou de lado, para uma segunda etapa, que eu vou tratar também, as que nós chamamos aqui de *blue chips*, as grandes empresas que são muito lucrativas. E estabeleceu-se um conjunto de pequenas, médias e grandes empresas e se fez o programa de privatização, deixando de lado, como eu disse, as *blues chips*.

Nessa primeira etapa, o que se fez? Se somou o ativo depreciado das empresas todas, em janeiro de 1992 - não me perguntem que preços são esses, porque a economia estava na maior desordem. Então, o que acontece? Você pega essas empresas, toma o ativo delas, aquilo que não foi depreciado, soma - e isso passa a ser o patrimônio público. E aí você emite ações dessas empresas, que têm que ser vendidas em leilão segundo o modelo que as diretorias das empresas vão escolher. Mas antes disso é preciso que o povo, que é o dono, participe desses leilões. Então, era preciso criar um meio de pagamento para essas pessoas, dar para elas a parte delas na propriedade pública para elas participarem dos leilões. E foi isso que foi feito. Foram criados *vouchers*. O valor desse ativo não depreciado, somado, dividido por 145 milhões de habitantes, deu 10 mil rublos para cada *voucher*.

Naquele momento, para vocês terem uma ideia, o que fizeram os cidadãos que receberam *vouchers* de 10 mil rublos? Um deles botou o diploma na parede, outro comprou uma garrafa de vodka... Quer dizer, o valor era absolutamente imponderável numa sociedade em que nem circulava dinheiro, eles só tinham cadernetas de poupança, depositavam lá e recebiam um jurozinho. Nunca viram um cheque na frente. Aí recebem um *voucher* e não sabem o que fazer com ele. Eu vi homens-sanduíche nas estações de

metrô comprando *vouchers* por 4 mil rublos, e o valor era de 10 mil, de fato. Isso gerou, além de todos os problemas, uma avalanche de empresas piramidais, aquelas que vão vendendo e acabam estourando, como estouraram com a tal crise financeira que atingiu a Rússia em 1998. Mas o mais importante que eu quero frisar aqui, que eu chamo de engodo, é que com isso se liquidou a propriedade do povo soviético. O povo soviético foi simplesmente enganado. Cada cidadão recebeu sua propriedade em forma de um *voucher*. Era a sua parte no bolo. E isso levou a um empobrecimento maciço da população, naturalmente, e eu chamo de engodo porque na verdade se tripudiou sobre a ingenuidade do povo soviético naquela altura, dizendo: “Isso é a parte que te compete no patrimônio estatal”.

Essa etapa foi a que a jornalista canadense Cyntia Freeland, naquela altura correspondente do *Financial Times* na Rússia, descreveu num livro chamado “*The sale of the century*” (“A liquidação do século”), contando como foram liquidadas as empresas estatais. Esse livro é notável. Ela é ucraniana de origem, falava perfeitamente russo, tinha acesso a todas as autoridades e empresas e fez um livro que é uma documentação desse processo de privatização.

LUIZ ALBERTO MACHADO: E quando as *blue chips* entraram?

LENINA POMERANZ: Foi em outro processo de privatização, por garantia de ações, um processo gerado politicamente porque se tratava de assegurar a Yeltsin, então presidente da República, recursos para cobrir o déficit orçamentário enorme que ele tinha no governo. Então, o que eles fizeram? Formou-se um grupo de banqueiros e um deles, que depois virou ministro das finanças, foi procurar o Yeltsin e se propôs a adminis-

trar uma das grandes estatais na qual ele estava interessado - que é nada menos que a segunda maior empresa de níquel do mundo. E aí os outros resolveram ampliar o quadro para assegurar uma negociação política com Yeltsin, que daria a ele recursos para enfrentar o segundo turno de eleições na qual ele competiria com o então secretário-geral do Partido Comunista. Por que fizeram? Porque esse pessoal que cercava Yeltsin fora advertido num desses fóruns internacionais de que um comunista poderia ganhar as eleições e que era preciso tomar alguma providência. Aí eles resolveram começar a suar. Uma série de banqueiros resolveu fazer um leilão para ver quais das empresas o governo cederia em troca de um empréstimo, com garantia das ações. Ou seja, as empresas cedidas a eles deveriam pagar no prazo de um ano o valor do empréstimo combinado, ou voltariam a ser propriedade do governo, que além disso receberia uma parcela do lucro acumulado nesse ano pela empresa.

Quem trabalhou com concorrência pública no Brasil sabe como funciona a competição pública. Então, o que aconteceu? Aquele núcleo de sete banqueiros criou as normas de leilão das empresas que fariam o empréstimo. Estabeleceram, por exemplo, um valor mínimo que era preciso pagar para poder entrar no leilão. E organizaram o leilão, criando todo tipo de dificuldade para outras empresas que queriam concorrer - diziam que a documentação de uma não estava completa, que o envelope de outra chegou atrasado, que outra empresa não tinha capital para competir, inventaram mil desculpas - e a gente aqui no Brasil conhece bem esse processo. E eles acabaram se tornando donos. Então, uma Yukos Oil, que é igual a uma Petrobras, foi comprada por US\$ 130 milhões, o que é uma brincadeira.

Então, houve realmente - em função de um processo político - um loteamento das grandes em-



presas estatais a preço de banana. Não quer dizer que as empresas não foram recuperadas e bem trabalhadas. Esse Mikhail Khodorkovsky a quem eu me referi transformou a Yukos numa empresa moderna, enorme, fantástica.

RUBENS FIGUEIREDO: Capital estrangeiro não podia?

LENINA POMERANZ: Podia, mas o Mikhail Khodorkovsky não pôs capital estrangeiro. Depois

ele se estrepou na briga com o Yeltsin e mais tarde pegou uma pena de oito anos na Sibéria. Por quê? Porque ele se sentiu forte e começou a financiar opositores do governo Putin para as eleições. Mas o Khodorkovsky modernizou a empresa, fez

a Yukos de US\$ 130 milhões passar a valer muito mais e aí passou a querer participar da vida política do país, financiando opositores e tentando ele mesmo ser presidente. Foi tolerado pelo governo autocrata do Putin, mas aí disse que ia largar a política e vender a Yukos para o capital estrangeiro. Aí pegou. Ele queria negociar com duas empresas, das Sete Irmãs, a transferência das ações, mais de 50%. Aí acabou.

RUBENS FIGUEIREDO: Era tudo dele?

LENINA POMERANZ: Era tudo dele, a maioria das ações era dele, mas ele queria transferir 50% das ações para o capital estrangeiro. Como era uma empresa considerada estratégica - e até hoje petróleo e gás são considerados estratégicos na economia soviética - ele foi massacrado. Acusaram Mikhail Khodorkovsky de transferir dinheiro para um paraíso fiscal, o que não foi mentira, porque ele tem dinheiro até hoje lá e se mantém às custas desse dinheiro. Mas, enfim, a acusação foi feita, ele não conseguiu responder e acabou pegando uma pena de oito anos na Sibéria - que, aliás, ele cumpriu com muita altivez. Ele não foi um sujeito que cedeu à pressão. Ele se manteve, saiu da cadeia e continua na sua atividade. Ele continua atuando politicamente.

ROBERTO MACEDO: Minha pergunta é sobre a questão cultural na Rússia, que teve e tem governos autocráticos. Eles valorizam a cultura, acreditam nisso?

LENINA POMERANZ: É por isso que, para entender o governo Putin, eu fui buscar as respostas a partir do século 9. Eles valorizam demais. Eu posso estar muito enganada, porque as coisas estão mudando um pouco e rapidamente na Rússia de hoje, mas eu diria que jamais eu

imagino a Rússia, capitalista que seja, adotar o modelo democrático ocidental. Jamais. Porque ela é liberal na economia, mas autoritária na política. Mas não é autoritária chinesa. É outro tipo de autoritarismo. Você tem parlamento, você tem jornais, você tem internet. Na Rússia você tem internet ultradifundida. Inclusive eles não querem barrar a internet. Existe um esquema em que você recebe as informações via internet e trabalha essas informações devolvendo-as para quem está recebendo. Quer dizer, há um trabalho de esclarecimento das informações recebidas via o Whatsapp, que está na moda. Eles não impedem a difusão. A Rússia é um dos países que tem mais usuários de internet no mundo.

TÚLIO KAHN: Minha pergunta é sobre o sistema político. O regime soviético, durante décadas, era um sistema de partido único. Hoje em dia é possível criar outros partidos políticos?

LENINA POMERANZ: Meu livro trata disso. Nas eleições realizadas em 1996 havia mais de uma dúzia de partidos. Existem condições de controlar a influência desses partidos políticos através da educação política, através dos jornais, através dos instrumentos que o governo centraliza. Os grandes canais nacionais de televisão são estatais. Mas há uma TV de âmbito nacional que é da oposição, e um grande jornal de oposição, a Nova Gazeta. Existem jornais nas periferias, nas repúblicas, absolutamente livres para funcionar. Há problemas, isso sim, nos grandes jornais de circulação nacional que são controlados pelo Estado, obviamente. E há jornais independentes. Existe um jornal que se chama A Gazeta Independência e eu diria que é uma gazeta de centro, nem grudada no governo nem da oposição, porque pretende ser um transmissor e fazendo uma análise, digamos assim, balanceada dos grupos. E existe também uma coisa muito importante ligada à

oposição ao governo Putin, que é um centro de pesquisa da opinião pública que foi criado ainda durante a Perestroika por um filósofo e faz pesquisa permanente sobre a situação política, a influência do Putin etc. Quer dizer, houve aberturas, pequenas, mas não é um regime ditatorial estrito senso. Existe uma oposição que se rebelou nas eleições de 2011 e o Putin quase perdeu. Uma grande mobilização de massa. Esse quadro mudou muito de ontem para hoje, mas está operando novamente, no sentido de uma liberação maior do sistema.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Tenho uma última pergunta, mas vou fazer antes um depoimento. Quando eu tinha 17 anos, em 1972, fui para a Rússia jogar basquete. Era o auge do período Brezhnev (*Leonid Ilyich Brezhnev, dirigente máximo da União soviética*) e muito do que ela está falando agora é para mim uma novidade impressionante. A Rússia era extremamente fechada. Eu lembro que estava acontecendo uma célebre competição de xadrez entre o norte-americano Bobby Fischer e o russo Boris Spassky. O Fischer era um jovem gênio americano e o Spassky era uma sensação mundial entre os enxadristas. Mas a gente só via notícia quando o Spassky vencida. Quando o Fischer ganhava o jogo, não saía nada. Quando voltei ao Brasil, depois de algum tempo, imaginava que Spassky tinha vencido, né? Mas não, "o Fischer ganhou", me disseram. Ah, é? Acontece que não tínhamos acesso à imprensa estrangeira, só havia uma televisão do Estado. Mas eu nunca voltei à Rússia e a Lenina já esteve lá e voltou muitas outras vezes. Eu tenho amigos que foram para lá agora, na Copa do Mundo, e eles me disseram: "Machado, você não tem mais a menor noção do que é a Rússia, é outro país, é outra coisa, completamente diferente daquele que você conheceu". Então, Lenina, eu gostaria que você nos desse um depoimento sobre esse contraste entre o que era e o que é.

LENINA POMERANZ: A União Soviética foi realmente um sistema fechado, não só por vontade própria mas por conta do que lhe foi imposto durante muitos e muitos anos. Em 1972, o período de Brezhnev não foi propriamente glorioso. Foi chamado período da estagnação. Ele comandou durante muitos anos e depois ficou muito doente, mas foi um período em que o povo se sentiu melhor. Por quê? Porque em 1972, vocês lembram, houve a elevação brutal dos preços de petróleo pela OPEP e a Rússia, que é exportadora de petróleo, ganhou muito dinheiro. E o que o Brezhnev fez? Importou produtos de consumo e jogou na praça. Se você perguntar para um russo daquele tempo quando foi que ele viveu melhor, ele vai dizer que foi no período Brezhnev, que foi o período da estagnação econômica na Rússia. Quer dizer, avaliar o contraste fica muito complicado.

Eu não sei qual vai ser o futuro desse país, mas estou tentando escrever as memórias dos anos que passei vivendo na União Soviética, no começo dos anos 1950, quando fiz o meu doutorado lá. Eu morei três anos lá e como fui parar numa instituição que era basicamente pedagógica de ensino para formar técnicos de planejamento, passei a ter esse contato muito rico, com o próprio povo soviético, com os meninos que vinham das províncias para se instruir como técnicos do sistema de planejamento. Então, a minha vida foi a de um cidadão soviético comum. Eu vivi tudo. Na queda de Khrushchov eu vivi uma experiência muito rica para conhecer a realidade da vida soviética no dia a dia. Eu vou tentar colocar isso no papel, que será um novo livro.

RUBENS FIGUEIREDO: Mas era bom?

LENINA POMERANZ: Olha, houve um período que foi muito importante, que foi o da realização do 20º Congresso do Partido Comunista na União Soviética. Nesse Congresso, o Khrushchov

leu um relatório relatando e condenando os terrores do stalinismo e o culto da personalidade de Stálin. Nesse momento houve uma relativa - não vou chamar de democratização porque não chegou a isso, mas houve uma abertura suficiente para criar dissidências. Surgiram livros, surgiram peças de teatro. Eu fui ver teatros com a estudentada que equivalia ao Teatro de Arena aqui na época da ditadura. A gente sentava no chão e ia ouvir peças montadas por um diretor que era criminalizado e censurado no sistema soviético. Peças maravilhosas. Khrushchov acabou com os Gulags, acabou com os campos de concentração. Então, esse período foi muito rico de acontecimentos. Eu fui a reuniões "clandestinas" para ler textos censurados.

Eu tive a sorte de morar no mesmo quarto com uma pós-graduanda ucraniana que estava fazendo o doutorado dela em Direito Comercial Internacional. Ela era ucraniana de origem, casada com um judeu que ficou lá na Ucrânia enquanto ela estava estudando em Moscou e a sogra mandava uns confeitos que eram a minha delícia. Depois eu perdi o contato com ela, não consegui mais saber onde ela anda, se na Ucrânia ou nos Estados Unidos. Mas a gente costumava sair aos domingos para visitar lugares diferentes. Nas proximidades de Moscou existe um lugar onde se formam padres ortodoxos. Eu fui visitar com ela esse lugar. Eu fui visitar com ela um local que existia, não sei mais se existe, que era proprie-

dade da Academia de Literatura. Então era um campo enorme, maravilhoso, que tinha um edifício de dois ou três andares onde o escritor pagava uma taxa mínima e passava uns dois ou três meses fazendo o seu livro lá. Qual foi o interesse dessa visita? Era porque eu fui visitar o túmulo daquele famoso escritor do romance Doutor Jivago, que não conseguiu sair da Rússia para receber o Prêmio Nobel.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Bóris Pasternak.

LENINA POMERANZ: Isso. O túmulo era feito de um material branco, em que arquitetos modernos tinham feito a efígie dele moldada em baixo relevo. E ele estava enterrado embaixo de três grandes bétulas (arbustos ou árvores pequenas ou de tamanho médio, características de climas temperados do hemisfério Norte). Então eu fiz com ela viagens belíssimas, fui a reuniões para ler textos censurados e acompanhei o debate. Foi um período, digamos assim, muito rico para mim em termos de como se processaram os grandes movimentos naquele país.

LUIZ ALBERTO MACHADO: Vamos esperar o próximo livro, então. Lenina, muito obrigado pela palestra. E agradeço a todos os presentes, tanto aqueles que estão aqui quanto aqueles que nos estão acompanhando pelo Facebook. Até nosso próximo Encontro Democrático.

Presidente
Guilherme Afif

1º Vice-presidente
Vilmar Rocha

2º Vice-presidente
Diretor de Relações Internacionais
Alfredo Cotait Neto

Secretária
Alda Marco Antonio

Diretor Superintendente
João Francisco Aprá

Conselho Superior de Orientação

Presidente - Gilberto Kassab

Guilherme Afif

Omar Aziz

Raimundo Colombo

Otto Alencar

Claudio Lembo

Ricardo Patah

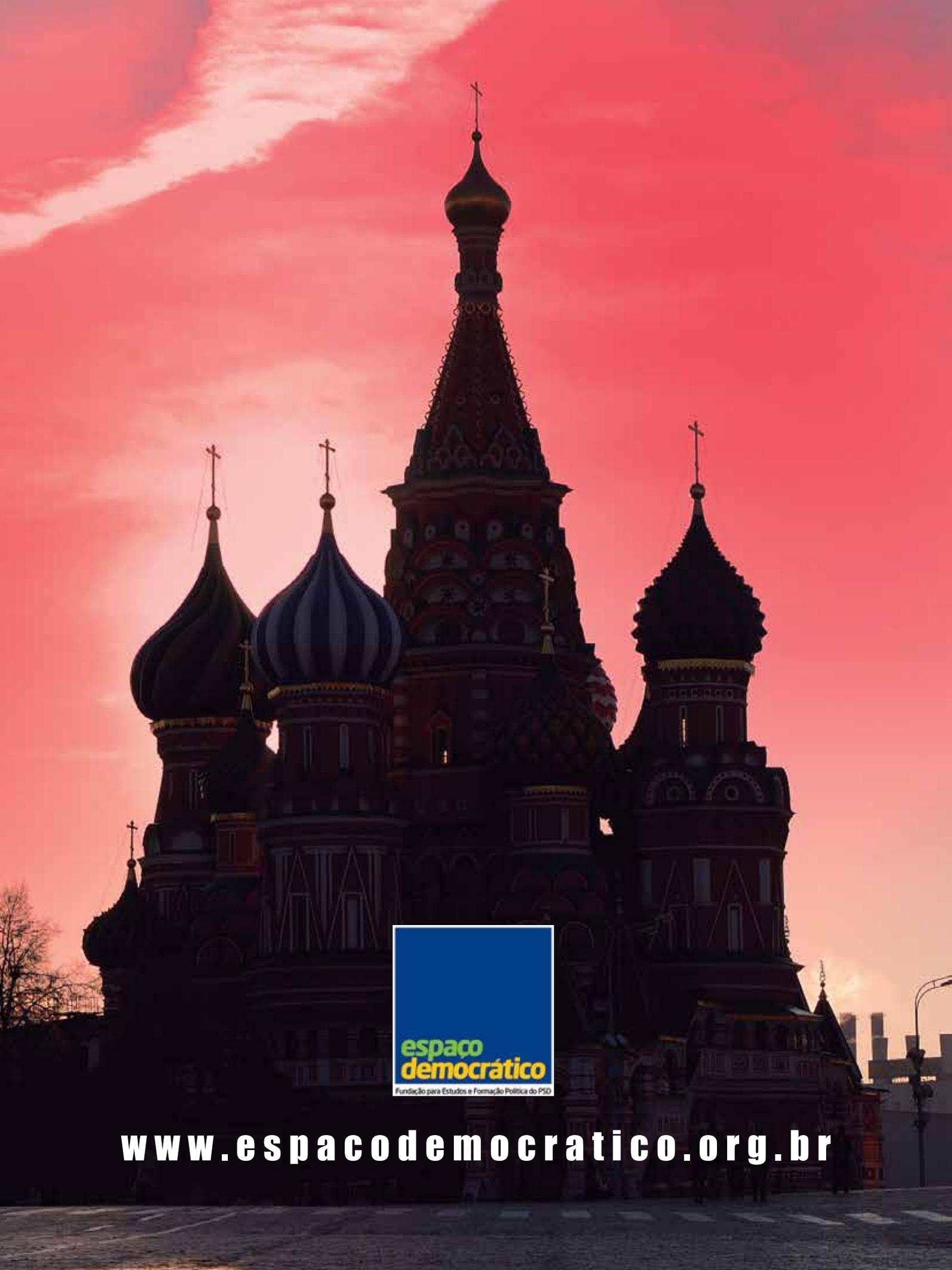
Vilmar Rocha

Guilherme Campos



Fundação para Estudos e Formação Política do PSD

ENCONTROS DEMOCRÁTICOS - Coleção 2019 - "Rússia"
ESPAÇO DEMOCRÁTICO - Site: www.espacodemocratico.org.br Facebook: **EspacoDemocraticoPSD** Twitter: **@espdemocratico**
Coordenação - Scriptum Comunicação - Jornalista responsável - Sérgio Rondino (MTB 8367)
Projeto Gráfico - BReeder Editora e Ass. de Com. Ltda - Marisa Villas Boas - Fotos - Scriptum e Shutterstock



www.espacodemocratico.org.br